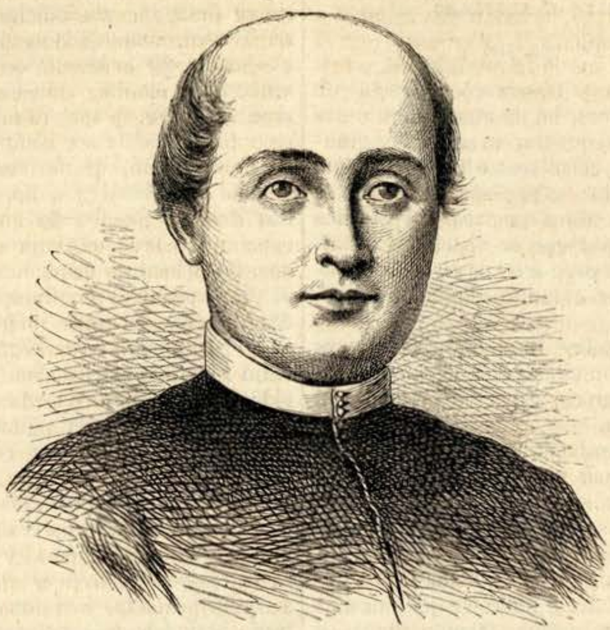


Candido Lusitano (Padre Francisco José Freire)

I

Acceitámos de boa vontade o encargo que se nos commettêra ha mezes, compromettendo-nos a traçar mais de espaço algumas linhas ácerca do nosso benemerito patricio, cujo vulto sympathico e agradavelmente expressivo se expõe pela primeira vez á luz publica nas paginas do *Archivo*. Contando com vagar e folga sufficientes para o desempenho da obrigação contrahida, se não como os desejos requeriam, ao menos como as forças nos ajudassem, aguardavamos alguns instantes de socego. Pretendiamos entresachar com o pouco que sabemos das particularidades e circunstancias individuaes do sujeito, a resenha dos muitos, e quanto o podêmos julgar, importantes serviços por elle prestados ás boas letras no periodo glorioso da sua restauração, começada entre nós pelo meiado do ultimo seculo.

Baldada foi, porém, a nossa expectativa. Correram os dias, e outros trabalhos de natureza mais urgentes continuaram a accumular-se, levando-nos a adiar successivamente o cumprimento da promessa; e eis que, instado por elle, fallece-nos de presente a disposição de espirito necessaria para coordenar e pôr em pratica o plano concebido, tal como o delineáramos! Apontamentos informes e desconnexos terão de supprir d'esta vez o pequeno padrão que nos propunhamos erigir, destinado a avivar na lembrança dos presentes a memoria tão esquecida, ou menos prezada d'aquelle que, se nos não illudimos, deixou titulos recommendaveis para merecer, em todo o tempo, de seus nacionaes estima e consideração.

Para nós o nome de Candido Lusitano é, e será sempre, caro e respeitado; porque em seus escriptos começámos a beber o primeiro leite da instrucção. Grave injustiça commettem a nosso ver os que pretendem rebaixar-lhe o merito, como que desconhecendo ou votando ao desprezo tantos e tão proficuos trabalhos, por elle emprehendidos com verdadeiro zêlo patriotico durante a sua laboriosissima carreira.

Mas se a fama e applausos, porventura excessivos, de que gozou entre contemporaneos, são hoje impossiveis de resuscitar, como o seria achar nas casas transformadas do Espirito Santo, ou das Necessidades, o modesto cubiculo onde aquelle espirito meditativo entremeiava a recitação dos psalmos e antiphonas do breviario com a trasladação dos versos immortaes de Virgilio, de Euripedes, de Ovidio e de Horacio, com os estudos historicos e philologicos sobre a lingua, ou com os periodos cadentes e sentenciosos da *Vida do Infante D. Henrique;* temos, comtudo, por certo que de futuro, juizes desapaixonados e mais imparciaes lhe restituirão, sequer em parte, o conceito de que a moda o desapossára.

Francisco José Freire nasceu em Lisboa, segundo uns a 3 de janeiro de 1719, e segundo outros a 3 de setembro do mesmo anno [1]. Consta que foram seus paes Joaquim Freire Bellas, e Joanna Maria Joaquina Corsini, cujo appellido parece denotar origem italiana. Á excepção dos nomes, nada mais sabemos d'elles, ignorando-se a que classe pertenciam na ordem social, bem como quaesquer outras particularidades ou circunstancias de suas vidas.

Dos primeiros annos do filho apenas se sabe que fizera com grande proveito os estudos de humanidades nas aulas do collegio de Santo Antão, doutrinado pelos jesuitas, e que cursára tambem os de philosophia na casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, de clerigos regulares de S. Caetano, ditos theatinos, illustre seminario onde floreciam por esse tempo varões que ainda hoje gozam de honrada fama em nossos fastos litterarios.

Concluido o seu tirocinio escholastico, e juntando ao conhecimento da lingua latina o da franceza e italiana, ainda então pouco vulgarisadas em Portugal, tornou-se em todas egualmente perito, habilitando-se para proseguir com maior fervor e aproveitamento na carreira das letras, sobre tudo nos estudos historicos e philologicos, que parece foram sempre os da sua particular predilecção.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] A primeira d'estas datas é indicada por Barbosa Machado, na *Biblioth. Lusit.*, tom. II, no artigo competente. A segunda por Barbosa Canaes, nos seus *Estudos Biograph.*, pag. 251. Qual d'ellas seja a verdadeira não o sabemos dizer. O auctor da *Biblioth. Hist. de Port.* (pag. x da edição de 1801) aponta o anno de 1713 como o do nascimento de Freire; no que cremos se enganára.

CARTAS A UMA SENHORA

AURORAS BOREAES E AUSTRAES

(Conclusão. Vid. pag. 178)

É sabido que, segundo as observações directas de Glaisher e de outros physicos, ha na atmosphera umas nuvemzinhas (cirro-stratus) que trazem suspensos grandes cardumes de cristaes aciculares e facetados, que dispersam e frangem a luz solar; são os pingentes do lustre da natureza. A estes cristaes são devidos quasi todos os jogos de luz que se observam usualmente, como os *halãos*, os *arco-iris*, os *circulos*, e entre estes o de *Ulloa*, que é muito afamado, as *coroas*, etc., etc.

Ora, na opinião do celebre Humboldt, as nuvens agrupam-se e dispõem-se muitas vezes de modo analogo aos raios de uma aurora, e parece perturbarem então a agulha magnetica.

No *Cosmos*, descreve Humboldt as *faixas polares*, ou nuvens, mui frequentes nas nossas latitudes, que se dispõem na direcção do meridiano magnetico. O padre Sechi observou que se manisfestavam perturbações na agulha, quando appareciam no ceo umas nuvemzinhas phosphorescentes e translucidas. Dos registos meteorologicos do Canadá infere-se que nos dias que precedem ou seguem as auroras, sempre chove ou neva, circunstancia que torna provavel a existencia de particulas geladas durante o meteoro.

Conta o dr. Richardson, que assistira a uma aurora em tempo sereno e limpido, e marcando o thermometro 32 graus centigrados. O arco estava proximo ao zenith, e ao mesmo tempo caía uma neve mui fina e tenue, quasi invisivel, posto que se fundisse nas mãos.

A todas estas observações, que concordam em assignalar intima relação entre o meteoro e os cristaes de neve, junta-se a existencia da neblina, a qual, como acima disse, tolda o horisonte durante o começo do phenomeno. Nas regiões hyperboricas acontece muitas vezes que os viajantes ficam envoltos em nevoeiro, vendo no zenith uma aurora esplendida.

V

Nem só o polo norte é allumiado por estes meteoros luminosos, que foram por muito tempo espanto, terror e admiração dos homens supersticiosos e ignorantes. A natureza é benefica e próvida. Às auroras boreaes correspondem as austraes; os pincaros de Erebe e Terror contemplam tantos fulgores como o Spitzberg e a Groenlandia; as solidões do Pacifico antarctico e as bahias do Atlantico arctico são egualmente testimunhas das maravilhas da pyrotechnia tellurica. Não imagine, todavia, v. exc. que a natureza segue as mesmas regras; mudam as apparencias, o phenomeno é diverso, diversos os accessorios, e o incendio que lavra e irrompe, posto que sempre estupendo e admiravel, tem, comtudo, caracteres muito differentes.

Assim que, em quanto no polo boreal os raios sobem do horisonte até ao zenith, como girandolas arremessadas da terra; no polo austral acontece o contrario, e os raios, surgindo de repente do ceo, descem do zenith e cáem no horisonte. No norte, os raios saem de um arco luminoso que abraça um segmento celeste; no sul, como que brotam de um ponto, expandem-se em circulo, fusilam fogos em todos os sentidos, dispartem centelhas, e esvaecem-se, em fim.

Parece que entre a aurora boreal e a austral houve uma solução de continuidade, ou, antes, que uma é a continuação da outra, com um espaço obscuro no meio, correspondente ao equador.

São poucas as descripções do phenomeno antarctico; raros viajantes se aventuram áquellas regiões ignotas; resumirei, comtudo, em poucas palavras, a narrativa feita por um official da marinha franceza, o sr. Tessan, commandante da fragata *Venus*:

«No dia 20 de Janeiro de 1839, á uma hora e vinte minutos da manhã, vimos uma aurora, formando um arco luminoso. A luz era branca, pallida e tranquilla, cujo brilho podia ser comparado ao da orla superior de uma nuvem, de um *cumulus*, que encobre a lua quando esta começa a apparecer sobre o horisonte. Dos diversos pontos do arco saiam feixes ou raios egualmente brancos, cuja intensidade era muito menor. Estes feixes appareciam e desappareciam no mesmo logar, depois de duração variavel entre cinco e dez minutos. A parte inferior do arco parecia occupada por uma nuvem negra, cujas bordas contiguas eram ligeiramente tocadas. A atmosphera estava limpida e serena, raras e negras as nuvens, as quaes eram grandes e recortadas phantasticamente; as estrellas brilhavam. Não ouvimos ruido algum que proviesse da aurora.»

A descripção é resumida e contradictoria com outras que poderia transcrever, se não temêra alongar muito estas cartas que v. exc. tem a bondade de ler.

As regiões antarcticas começaram ainda ha pouco a serem povoadas e desbravadas, e posto que na Australia abundem já cidades opulentas e emporios commerciaes e industriaes, a civilisação ainda não penetrou lá completamente.

A sciencia necessita de mais algumas condições, e só passados annos poderá assentar arraiaes n'aquellas paragens, ainda ha pouco desertas e inhospitas. Devo, porém, accrescentar que, com ser verdade o que levo dito, os anglo-australienses vão mais adiantados do que nós; e os nossos antipodas, selvagens ha vinte ou trinta annos, ou morrem esmagados pela civilisação crescente, que não comprehendem, ou caminham e chegam ao estadio que os europeus só attingiram com seculos de trabalho improbo. A civilisação é uma especie de Sparta, que mandava degollar os seus filhos defeituosos ou abortivos.

VI

Servo addicto ás estreitezas do espaço que o *Archivo* me concede, é necessario findar estas cartas sobre as auroras. Peço, pois, desculpa a v. exc. por apresentar, sem mais detença, a ultima palavra da sciencia, ácerca dos esplendidos meteoros polares que me abalancei a descrever.

Sabe v. exc. que quando ruge o trovão nos ares revoltos pelas azas da tormenta; quando o raio corta a atmosphera, como uma espada de fogo vibrada por mão invisivel, é a electricidade a causa de todos estes phenomenos eternamente grandiosos e sempre novos.

Mas a electricidade aérea é positiva, em quanto que a terrestre é negativa, e a combinação ou neutralisação d'ellas é que produz todos os variados phenomenos que acompanham as tempestades [1]. A neutralisação é favorecida pela humidade das camadas inferiores do ar. A este respeito diz o sabio de la Rive:

«Nas regiões polares, cujos gelos eternos condensam constantemente vapores aquosos, em fórma de neblinas, deve esta neutralisação operar-se, por quanto os vapores positivos são levados aos polos pela corrente dos tropicos, a qual se vae abaixando á medida que avança, até rastejar o solo junto aos polos. É, pois, n'esses pontos que deve ter logar a descarga entre a electricidade positiva dos vapores e a negativa

[1] O estudo da electricidade, com ir muito adiantado, graças aos trabalhos de Volta, Galvani, Franklin, Arago, Faraday, Matieucci, Rhumkorff, etc. etc., não chegou, comtudo, á perfeição, e as theorias nem sempre satisfazem á ligação dos factos. A theória do fluido binario, positivo e negativo, apesar de pouco philosophico, é ainda aceeita.

da terra, com acompanhamento de luz, e se, como succede não raro, houver particulas geladas extremamente tenues.»

Segundo o estado da atmosphera, assim será mais ou menos perfeita a condensação, da qual resultam correntes de intensidade variavel dos polos para o equador. Estas correntes produzem as perturbações na agulha, perturbações que foram durante seculos profundo mysterio ou manifestação de energias sobrenaturaes.

Para que v. exc. possa imaginar a intensidade das correntes, basta dizer-lhe que, durante a magnifica aurora de 1859, o serviço telegraphico ficou interrompido em todas as partes do mundo.

O electro-magnetismo é, pois, a causa geradora das auroras. A combinação dos dois fluidos produz todas essas vistas deslumbrantes e maravilhosas que enchem de admiração aos observadores.

Para que o convencimento d'esta verdade seja ainda mais profundo, devo relatar uma experiencia do sr. de la Rive, por meio da qual este physico eminente conseguiu crear auroras artificiaes.

Dentro de um balão de vidro, em que o ar era muito rarefeito, introduziu o sr. de la Rive um apparelho que fizesse convergir os jactos de luz electrica para o polo de um electro-magnete. Passados momentos, a luz electrica cercou o polo de uma aureola continua e brilhante, a qual girava em torno do cylindro magnetisado, a tempo que alguns jactos mais brilhantes como que nasciam da periferia luminosa, bruxuleando com mais viveza.

Partindo do principio de que a terra é um verdadeiro magnete, e tendo em vista esta experiencia duplamente luminosa, construiu o sr. de la Rive uma esphera de madeira, com uma armadura de ferro magnetico nos polos, e pôde assim reproduzir as auroras e todas as perturbações da agulha.

VII

Haverá alguma lei natural e harmonica que ligue os apparecimentos das auroras, não só no mesmo senão tambem nos dois polos?

Pouco se sabe a este respeito, e as observações conjugadas ainda não permittem formular essa lei hypothetica com o rigor que a sciencia exige. Manifesta-se, comtudo, uma certa periodicidade annua das auroras visiveis, sendo que o numero d'ellas cresce sensivelmente nas proximidades dos equinoccios, e diminue durante os solsticios. Não se sabe ao certo a causa d'estas variações; julga-se apenas, com razões de sobra, que devem ellas depender da quantidade de vapores existentes nos polos durante as diversas estações. Accresce ainda que nos equinoccios as auroras são conjunctivas nos dois polos, o que se explica, porque as condições meteorologicas são quasi identicas nos dois hemispherios. Sendo identicas e simultaneas as causas, simultaneos e identicos devem de ser os effeitos.

Em virtude da ligação rhythmica que a sciencia vae descobrindo a cada passo entre as forças naturaes, alguns physicos respeitaveis aventaram a idéa mui philosophica de que as auroras são magnifico indicio de graves perturbações meteorologicas.

De feito, por occasião das auroras boreaes de 1859 e 1862, observaram-se certas ligações entre a meteorologia e aquelles phenomenos.

O reverendo Sechi já havia antevisto esta connexão, porque comparára as variações da agulha ás de todos os outros elementos meteorologicos.

É provavel que o magnetismo terrestre dependa da energia solar, a qual, tanto que varíe, produz logo variações em todas as partes do globo, porque o sol é a origem unica de todos os movimentos terrestres, como diz Tyndall na sua synthese admiravel do calor.

A logica da natureza é inflexivel e fatal; a sciencia não é completa em quanto não determinar de um modo rigoroso todas as ligações harmonicas.

Quando uma idéa é verdadeira e naturalmente logica, surgem logo de todos os lados relações imprevisas. É por isso que v. exc., conscia d'estas difficuldades, ha de por certo perdoar-me se não mais me demorar n'estas discussões, que me levariam mui longe.

É para terminar, só me resta pedir desculpa, se estas cartas a enfadaram.

A sciencia é virgem timida e recatada: o véo que lhe encobre o rosto severo e casto só mui difficilmente se decerra aos profanos. Como queria, pois, v. exc., que sendo eu profano tambem, logo lhe abrisse de par em par as portas do templo, que me são defesas egualmente? Se alguem é culpado aqui, não o sou eu, senão v. exc., que devêra conhecer a ruindade do cyreneo [1].

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 170)

Na frente do cruzeiro, aos lados da capella-mór, estão quatro capellas, duas de cada parte. As do lado do evangelho são dedicadas a Santa Barbara e Nossa Senhora do Rosario. A primeira d'estas capellas é contigua á sacristia, para a qual tem porta. Desde muitos annos não tem retabulo nem altar. Vê-se n'ella um tumulo, porém ignora-se quem ahi jaz; caso este por tantas razões bem singular. Fr. Luiz de Sousa, chamando-lhe sepultura baixa, diz que jaz n'ella «um cardeal, de cujo nome e sangue se perdeu a memoria. Tem-se por certo seria chegado á casa real.»

Esta opinião é sem fundamento, pois que ha noticia de todos os cardeaes que tem havido no reino desde a erecção da egreja da Batalha, e sabe-se que nenhum d'elles alli repousa. Mas é notavel que fr. Luiz de Sousa, que escreveu a sua *Historia de S. Domingos* ha dois seculos e meio, não achasse modo de saber quem está encerrado n'aquelle mausoléo. Tambem o cardeal patriarcha, D. fr. Francisco de S. Luiz, nada descobriu a este respeito, apesar de que, como dissemos em outro logar, residiu no convento da Batalha algum tempo, que aproveitou diligentemente em investigações no seu cartorio, de que resultou a sua interessante *Memoria Historica sobre as Obras do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha*, impressa no tomo x das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*.

Este sabio prelado, referindo-se na dita memoria áquelle tumulo, diz «que mostra ter tido em cada uma das tres faces da tampa dois escudos de armas, os quaes se vêem picados e apagados, com mostras de o terem sido de proposito, ou por ordem que para isso houvesse, ou por outro algum motivo. Hoje é impossivel adivinhar cujas cinzas alli estejam depositadas.»

Talvez este mausoléo fosse feito para algum dos reaes cadaveres que se conservam no edificio em caixões de madeira, e que, em razão de se construirem as capellas imperfeitas onde deviam ser recolhidos os ditos cadaveres, ficasse aquelle mausoléo inutil e sem destino, e por esse motivo se mandassem apagar os brazões de armas, para que no futuro não fossem causa

[1] Terminado este pequeno trabalho, e sendo-me necessario compulsar a collecção do *Archivo*, deparam-se-me alguns artigos sobre as auroras boreaes e austraes, devidos á sábia penna do sr. Vilhena Barbosa. Deliberei, comtudo, não guardar este artigo, não só porque *quod abundat non nocet*, como diziam os escholasticos, mas tambem porque me parece que vae compendiado, com a possivel lucidez e largueza, tudo o que a sciencia sabe d'este importante ponto da meteorologia.

de falsas supposições. A não ser assim, custa a crer que se perdesse a memoria de quem jaz em um tumulo de pedra, levantado em tal egreja, onde tão poucos se vêem, e ácerca da qual tanto se tem escripto desde o fim do seculo XVI.

Na outra capella junto da de Santa Barbara, que é consagrada, como dissemos, a Nossa Senhora do Rosario, está o Santissimo Sacramento. No alto do suppedaneo, do lado do evangelho, ergue-se um tumulo de marmore branco, pequeno, e com as faces cobertas de silvados e flores em relêvo. Tem no centro de cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz da ordem de Aviz, vendo-se o banco de pinchar atravessando os castellos superiores do dito escudo. Não tem epitaphio ou letra alguma, o que deu motivo á variedade de opiniões sobre as cinzas que encerra. O banco de pinchar, distinctivo de infante, não deixa duvidar da qualidade da pessoa que n'elle repousa, assim como a cruz de Aviz, que apparece por baixo do escudo, é prova sobeja de que pertencia á familia de D. João I. A melhor opinião é a que refere achar-se n'este tumulo o filho primogenito del-rei D. Affonso V, e da rainha D. Isabel, que morreu menino, e se chamou João, como o segundo que veiu a succeder no throno a seu pae.

A primeira capella da parte da epistola é da invocação de Nossa Senhora da Piedade, sendo antigamente dedicada a Nossa Senhora do Pranto. N'esta capella foi depositado provisoriamente o corpo del-rei D. João II, quando o trasladaram da sé de Lisboa, em 1499, em quanto se não concluia o jazigo que lhe estava destinado nas capellas imperfeitas. Porém, como estas não se acabaram, alli ficou e se conserva em um caixão de madeira, collocado sobre um estrado alto, para o qual se sóbe por varios degraus.

Até ao anno de 1810 conservou-se inteiro e incorrupto o corpo d'este grande monarcha; porém, nas profanações commettidas nos tumulos reaes pelos soldados francezes do exercito do general Massena, foi tirado do caixão o cadaver do *Principe Perfeito*, e lançado para cima de uns entulhos, d'onde, passado tempo, foi novamente collocado na caixa sepulchral, não inteiro como antes, mas apenas restos informes!

O patriarcha D. Francisco de S. Luiz refere, na citada memoria, a visita que fez a este caixão, pelo modo seguinte: «O que é certo e indubitavel é que alli estava e esteve, por mais de trezentos annos, inteiro o corpo d'aquelle soberano, que nós mesmo, no anno de 1809, por benigna condescendencia do prior que então era, vimos, e com nossas mãos apalpámos, não lhe achando outro defeito mais que a extremidade do rosto, na barba, já um pouco gastada do tempo.»

No pavimento da mesma capella, junto á base d'este tumulo, está uma sepultura raza com um brazão de armas relevado. Tambem não tem epitaphio, e ignora-se que ossada cobre. Apenas se presume, por mostrar o escudo cinco estrellas em aspa, que pertence a algum individuo do appellido Coutinho.

Contiguo a esta capella e á porta travéssa está a quarta e ultima capella do cruzeiro. O altar e retabulo são de marmore branco com obra de mosaico.

Diz o chronista fr. Luiz de Sousa que esta capella fôra dada por el-rei D. João I ao mestre da ordem de Christo, D. Lopo Dias de Sousa. O patriarcha D. Francisco de S. Luiz põe em dúvida esta asserção, por não ter achado vestigio algum que a confirmasse ou auctorisasse. Entretanto, é certo que n'ella se vêem dois mausoléos d'esta illustre familia. Um é de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, o outro cremos que é o de D. Lopo Dias de Sousa, não obstante as considerações que faz aquelle prelado. O primeiro d'estes mausoléos está mettido debaixo de um arco, do lado da epistola. É magnifico. Todo de marmore branco e preto com delicados lavores de mosaico e várias esculpturas, está assente sobre leões, e remata em uma coroa ducal [1]. O segundo está defronte d'este. É uma caixa de pedra de singelo lavor, tendo nas faces escudos de armas dos Sousas. Estão sepultados n'esta mesma capella o conde de Miranda, Henrique de Sousa, e a condessa D. Mecia, sua mulher. Parece que tambem ahi descança Vasco de Sousa, que foi reitor da universidade de Coimbra.

O altar de Jesus, que fica fronteiro á porta travéssa, tem o retabulo de pedra, porém no estilo chamado do renascimento. Adornavam os lados d'este altar, e não sabemos se ainda lá estão, paineis a oleo, de Nossa Senhora, e do Evangelista, pintados pela celebre Josepha de Obidos; e no alto outros dois, attribuidos a Gran-Vasco.

Na parede do cruzeiro, junto da porta travéssa, entrando do lado esquerdo, existe uma inscripção latina, que ao presente se não póde ler por se achar a pedra muito estragada pelo fogo que os francezes alli fizeram em 1810. Fr. Luiz de Sousa diz que se referia á trasladação da rainha D. Filippa.

A capella-mór não desdiz do estilo austero que se observa em toda a egreja. Entretanto, o architecto, sem quebra d'essa nobre simplicidade, que é feição caracteristica d'este monumento, fez sobresair em belleza a capella-mór ao resto do templo, como geralmente se pratica em quasi todas as egrejas. Conseguiu este fim dando ao fundo da dita capella a fórma polygonal, e applicando-lhe um systema de janellas, com vidraças illuminadas a côres, representando passos da Paixão, ou da vida dos santos, que, pela sua contiguidade, parece, a quem olha do meio do templo, um painel geral transparente do mais bello e grandioso effeito, como já ha pouco observámos.

No meio da capella, junto ao suppedaneo do altar, e cortando os degraus d'elle, levanta-se o sepulchro em que repousam o herdeiro da coroa do fundador, e a rainha sua mulher. É uma caixa de pedra grande e lisa, sem mais ornato além das estatuas dos dois soberanos, deitados sobre a tampa. Os conjuges estão com as mãos direitas travadas, e com a esquerda el-rei segura em uma acha d'armas que tem ao lado; e a rainha sustenta um livro.

É incorrecto o desenho d'estas figuras, e a esculptura não é boa; defeitos communs nas estatuas tanto d'esta epocha como das que a precederam e lhe succederam entre nós, onde este ramo da arte nunca floreceu, salva alguma rara excepção. Nos portaes ou em outras partes dos edificios gothicos, onde as estatuas apparecem no meio de mil variadas esculpturas e brincados lavores, não dão aquelles defeitos tanto na vista. Porém, estando solitarias e desacompanhadas de ornamentos, como succede no presente caso, avultam então bastante.

Quando foi construido este mausoléo não lhe pozeram inscripção alguma, e assim se conservou por longa serie de annos, pois que ainda a não tinha quando fr. Luiz de Sousa escreveu a historia de S. Domingos, sendo passado mais de seculo e meio. Depois, não sabemos em que tempo, mas certamente não seria muito posterior, gravaram-lhe na cabeceira que está voltada para o altar-mór a seguinte inscripção, em caracteres gothicos doirados:

H. J.
Eduard. I Portug et Alg.
Rex, et Regina Ele
onora Uxor ejus.

Diz em vulgar: Aqui jazem Duarte I rei de Portugal e dos Algarves, e a rainha Leonor sua mulher.

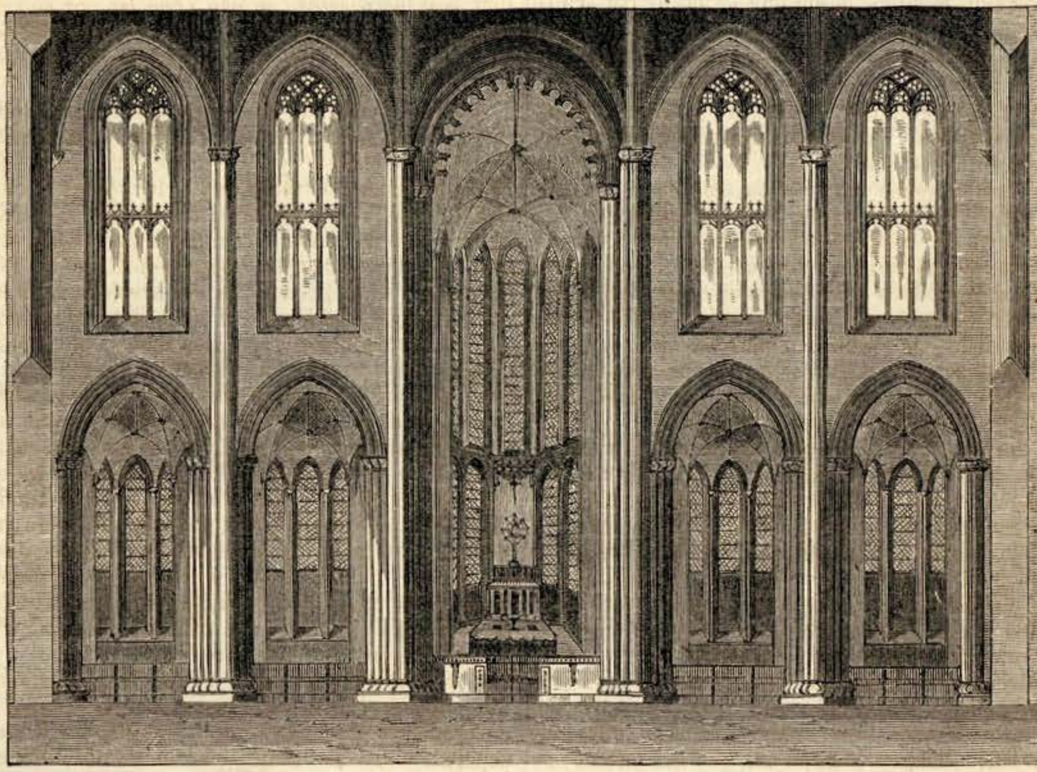
Não se sabe a data precisa do acabamento da egreja.

[1] Vid. a gravura d'este mausoléo a pag. 104 do vol. V.

É certo, porém, que estava concluida em 1416, porque n'esse anno foi depositada a rainha D. Filippa na capella-mór, por não estar concluida a *capella do Fundador*, destinada para jazigo real.

O tempo, no correr de mais de quatro seculos, fez alguns estragos no interior da egreja, arruinando bastantemente as vidraças e os ornamentos de pedra; porém muito mais consideraveis foram os damnos feitos pelos proprios frades, que, mal apreciando as bellezas da arte, não duvidavam sacrifical-as a qualquer conveniencia ou capricho. Assim mutilaram aquelle admiravel systema de janellas, que constitue o fundo da capella-mór, obstruindo a primeira ordem d'ellas com um grande tabernaculo de madeira branco e doirado, de mau gôsto. Cortaram as columnas dos lados da capella-mór, a fim de collocarem os espaldares de madeira, pintados e doirados, de duas ordens de cadeiras para o serviço do côro. Desfiguraram as duas capellas do cruzeiro, contiguas á capella-mór, tapando-lhes as janellas do fundo com dois grandes retabulos de madeira, cujo desenho desengraçado e pesado contrasta sensivelmente com a architectura do templo. E, finalmente, mascararam com um orgão e coreto a ultima janella da nave esquerda, que é notavel por se differençar das outras pela originalidade dos ornatos.

Na restauração do templo, a que se tem procedido com o maior zêlo e acerto, foram removidas todas estas mesquinhas construcções, restituindo-se o monumento á sua fórma primitiva. Unicamente nas vidraças é que não foi possivel restaurar a antiga belleza. Só se poderia conseguir esse fim substituindo-as por



Capella-mór e capellas do cruzeiro da egreja da Batalha

outras novas, mandadas fazer fóra do reino, onde melhor se imita o antigo processo da illuminura em vidro. Isto, porém, demanda despezas muito superiores á verba consignada para a restauração do edificio.

N'estas circumstancias, o intelligente engenheiro a quem foi confiada em principio esta restauração, tomou um expediente acertadissimo. Aproveitou os fragmentos mutilados das vidraças das naves e cruzeiro, em que se viam figuras e outros desenhos, para completar as vidraças da capella-mór, e para formar pequenos quadros ou medalhões, destinados para o centro das novas vidraças das ditas janellas das naves e cruzeiro, sendo preenchido o restante das mesmas vidraças com vidros lisos córados. Quando o nosso paiz estiver florescente, e que lhe vier com a prosperidade o amor das artes, o respeito para com o seu glorioso passado e o apreço pelos seus monumentos, crêmos firmemente que será então completada a restauração do templo da Batalha, mandando-se vir para todas as suas janellas vidraças com illuminuras geraes, como teve primitivamente.

Portugal é pobrissimo n'este especimen da arte, que em quasi todos os paizes da Europa constitue um dos mais bellos ornamentos das egrejas de architectura gothica. O pouco que outr'ora possuimos n'este genero ou tem desapparecido completamente, em consequencia dos cataclismos que por tantas vezes tem alastrado de ruinas este paiz, ou está reduzido a simples reliquias que mal deixam ajuizar da sua belleza primitiva.

Entretanto, quem nunca visitou essas sumptuosas cathedraes de Hespanha, de França, de Inglaterra e da Allemanha, póde fazer idéa do maravilhoso effeito produzido por taes obras de arte, indo ver a grande e formosissima janella da egreja de Nossa Senhora da Pena, na serra de Cintra, mandada fazer á Allemanha por el-rei o sr. D. Fernando II.

A gravura do interior do templo, que publicámos a pag. 169, bem como a que acompanha este artigo, são copiadas de duas photographias, que se mandaram tirar de duas grandes gravuras do magnifico livro que o architecto inglez James Murphy dedicou em 1792 á historia e descripção do real convento da Batalha. Por esta razão, como o auctor trata do monumento segundo todas as regras e preceitos da arte, a primeira das ditas gravuras representa o côrte das

abobadas das tres naves do templo, para mostrar a construcção e espessura d'ellas; e para deixar ver a projecção dos gigantes ou botaréos vasados e abertos em quarto de circulo, que servem de apoio á nave central.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

UM NOIVADO EM VARSOVIA

QUADRO DA EMANCIPAÇÃO DOS POLACOS

(Conclusão. Vid. pag. 194)

V

Quão felizes eram aquelles momentos! Acariciava o mancebo a idéa do seu noivado como o conseguimento de todos os seus desejos, como o termo de uma ambição em que pensára a vida inteira. Amára aquella mulher desde menino, desde que os primeiros sentimentos brotaram de sua alma. Haviam-n'o, porém, combatido mil obstaculos insuperaveis e mil contrariedades. O seu amor immenso chamava-o para Maria, e o destino apartava-o de Maria.

Por fim, depois de luctar, depois de consumir annos inteiros em uma desesperação immensa, encontrava-se na vespera do noivado.

Contava com impaciencia os minutos que faltavam para sellar com um juramento eterno a alliança de dois corações nascidos um para o outro, dignos de se confundirem em uma só vida. A aspiração do seu ser, aos vinte e dois annos, quando toda a imaginação é côr, toda a intelligencia luz, todo o sentimento paixão, todas as ambições amor — era unir-se com a mulher de seus sonhos.

Não olha o satellite para o planeta, nem o planeta para o sol, nem o rouxinol para o ninho, nem o arroio para o ceo, nem o ceo para Deus, como aquelle amante olhava para a sua amada.

Não saberia eu, humilde narrador d'esta historia, não saberia dizer quanto elle dizia, nem repetir as suas palavras entrecortadas. Ainda não nasceu pintor que retratasse o fundo de uns olhos namorados. Ainda não nasceu musico que traduzisse a nota de um suspiro de amor. Onde está o escriptor capaz de repetir as palavras que sairam de um peito amante? Mais facil é repetir o rumor espantoso que levantam no espaço as vagas do Oceano. O coração cheio de amor é o universo!

O coração do moço Ladislau estava cheio de amor, de esperança e de felicidade. Ambos tinham esquecido o mundo. Que valia para elles a patria, quando o iman de seu amor os attrahia ao ceo?

VI

Foi interrompido aquelle arrebatamento pelo ancião, que entrou exclamando:

— Amar quando a Polonia está em terra coberta de cinza e sangue, amar é um crime! Não ouvem as hyenas que trituram entre os ascorosos dentes os ultimos restos do cadaver? E sois felizes!... Olhem, olhem, e descobria o peito: uma, duas, tres, quatro, cinco, seis cicatrizes. Derramei por aqui o sangue das minhas veias; saltaram por aqui os pedaços do meu coração. Encaneci na Siberia. Encurvei-me debaixo do peso das minhas cadeias. Já não tenho forças para viver e ainda tenho forças para aborrecer. A Polonia póde levantar-se. Se hoje é o ludibrio do mundo, ámanhã será o anjo exterminador dos tyrannos. Ladislau, vae morrer pela Polonia. Maria, manda-o para a morte. O vosso primeiro beijo de amor será amaldiçoado, porque dará por certo ao mundo a alma de um escravo. Se ámanhã Varsovia se não levantar de novo para pelejar, depois de ámanhã ireis atados braço a braço para a Siberia. Que o vosso peito seja todo odio, que os vossos braços sejam lanças, que o vosso alento seja fogo; porque eu, ancião, eu, que cem vezes caí nos campos de batalha, vou morrer por fim sobre o seio da patria escrava!

E o ancião quiz erguer-se e correr como um mancebo; mas as pernas fraquejaram-lhe, e caíu de joelhos ante o quadro da Virgem.

N'esta occasião ouviu-se uma grita confusa de — Viva a Polonia! — e o ruido de uma descarga cerrada.

VII

O moço Ladislau apontou para o ancião, depois apontou para o ceo, e apertou fortemente Maria contra o coração.

— Vaes-te? — perguntou a noiva.

— Vou, Maria; chama-me a patria.

— É a furia do vento, disse Maria.

— Não, é a furia do combate, replicou Ladislau.

— E o nosso amor?

— O nosso amor? Pois quê, perguntou o mancebo, o nosso amor só havia durar em quanto durasse a vida?

— Ámanhã! — disse Maria; ámanhã!

— Diz-me o coração, exclamou Ladislau, diz-me o coração que ámanhã serás minha.

N'isto ouviu-se uma descarga mais perto.

— Ladislau! — exclamou Maria. Por Deus!...

Maria não ousava dizer-lhe que não partisse. Accrescentava, porém, para se enganar a si propria:

— Ladislau, é o vento.

— Não, disse o mancebo, é a alma da patria.

— Adeus, ámanhã, como quer que seja, replicou Maria, sempre se effeituará o nosso noivado.

O mancebo saíu precipitadamente para a rua, e Maria foi cair ao lado de seu avô ante a imagem da Virgem.

VIII

Decorreu um dia inteiro de combate.

Derramou-se o sangue dos polacos durante longas horas.

Os filhos da Polonia combateram de novo.

Todos os homens se arremessaram aos campos, e todas as mulheres aos altares.

Maria chora e reza. Do fundo do abysmo da sua desesperação só se levanta uma supplica.

Succede nova noite, e cessou o ruido do combate.

O exito não é duvidoso. A Polonia lucta sabendo que succumbe.

Reina immenso silencio na cidade.

Aquella devia ser a noite do noivado de Maria. A coroa de larangeira está alli, e tambem o véo: mas o seu amante não está. Maria chama-o, e elle não responde.

Tresvaria-se a razão da joven. Onde foi o combate? Fóra de si, louca, cinge a coroa, prende o véo, e apromta-se para sair.

— Onde estará Ladislau? — pergunta ao avô, que jaz moribundo aos pés da Virgem, expirando de dôr e de cançaço.

— Felizes os que morrem no Senhor! — respondeu o ancião.

Maria comprehende-o.

A escuridão da noite é medonha; a neve solta-se em grossos flocos.

Maria, vestida de branco, envolta no véo, só, e entre as refegas do vento, parece a estatua ambulante de um sepulchro, ou a alma de uma virgem que volta do ceo. Batem-lhe as fontes e pulsa-lhe o coração, como se se dirigisse ao thalamo nupcial. Não, porque se dirige aos arredores de Varsovia, ao logar do combate. Examina angustiada e anhelante os montões de cadaveres. São já tão espessas as sombras, que não póde distinguir os rostos.

De repente ouve um gemido, que é de certo o ultimo de uma vida que se apaga.

— É elle, exclama, é elle!

E um raio da lua rompe as nuvens.

Maria reconhece o rosto de Ladislau, livido e tinto pelas sombras da morte. O coração não bate, e o peito não respira. Nenhum signal de vida!

— Morreste, diz, sem lançar um ai! Devias n'esta noite receber o meu primeiro beijo de amor. Recebel-o-has.

E cravou os seus labios ardentes nos frios labios do cadaver. Absorveu a morte n'aquelle beijo.

No dia seguinte levavam em carros para o cemiterio os cadaveres dos revoltosos, e entre elles o cadaver de uma joven formosissima envolta no véo de noiva.

Adivinhariam os coveiros o segredo d'aquella morte?

Não sei.

Ignoro, pois, se os dois cadaveres se juntaram na mesma cova.

EMILIO CASTELAR.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES

(Vid. pag. 171)

FUNDIÇÃO DO CAMPO DE SANTA CLARA

O edificio conhecido por esta denominação vulgar não é uma fundição, mas unicamente o assento de diversas repartições annexas ao arsenal do exercito. Está situado em logar alto, fronteiro ao edificio da *fundição de Cima*, detraz e a pouca distancia da egreja incompleta de Santa Engracia. O campo de Santa Clara, de que tira o nome, fica-lhe junto, porém mais superior.

O edificio é antigo, mas nas diversas reedificações tem perdido os vestigios de antiguidade. É singelo, e sem merecimento algum architectonico, e outro tanto se póde dizer das suas feições primitivas.

Encerra este estabelecimento um museu, o deposito de artilheria antiga, as ferrarias, e os armazens de reparos e petrechos pertencentes á artilheria.

O museu occupa um vasto salão. Guardam-se n'elle, a par de muitos outros variados objectos, diversos modêlos de machinas, entre os quaes figura o do curioso e simplicissimo engenho que suspendeu, elevou e collocou sobre o seu pedestal a estatua equestre del-rei D. José I; algumas armas antigas e modernas, umas singulares por sua fórma, ou pela belleza e delicadeza dos lavores, marchetados de oiro e prata, que lhes guarnecem as coronhas, outras notaveis por alguma invenção que as distingue.

Tambem alli se vêem os typos das medidas do reino, do tempo dos reis D. Manuel e D. Sebastião, e das do novo systema metrico, mandadas fazer pelas cortes de 1822.

O deposito de artilheria acha-se no grande pateo do edificio. É digno de ser visitado, pelos objectos archeologicos e padrões historicos que encerra. Alguns antiquissimos canhões de exquisito feitio [1]; a celebre colubrina, conhecida pelo nome de peça de Diu, tomada pelos portuguezes na memoravel conquista d'esta forte praça de guerra [2]; a artilheria hespanhola, de bronze, despojo das batalhas do Canal, das linhas de Elvas, de Montes Claros, e de outras victorias que coroaram de loiros as armas portuguezas durante a gloriosa campanha da restauração da nossa independencia; e mais outros canhões, egualmente trophéos de guerra, povoam o pateo em quasi todo o seu comprimento e largura.

Ao interesse archeologico e historico reunem estes canhões o valor artistico, pois que ostentam lindas esculpturas de variadissimos desenhos, que os guarnecem em grande parte. Entre os lavores sobresae o escudo das armas de Hespanha.

São dependencias do arsenal do exercito o *laboratorio dos fogos de artificio*, e as fabricas *de refinação do salitre*, em Alcantara, e *da polvora*, em Barcarena.

ARSENAL DA MARINHA

Este vasto e grandioso edificio está situado á borda do Tejo, junto da praça do Commercio. A frontaria principal olha para o norte, e prolonga-se com a rua do Arsenal e com a praça do Pelourinho, onde tem a sua entrada nobre. A frente do lado do sul olha para o rio, e cae sobre os espaçosos terreiros, onde se acham os telheiros em que se fazem os mastros, escaleres, etc.; os estaleiros de construcção naval; várias officinas, e o dique. Para o lado de oeste tem uma fachada que deita para o pateo das officinas. Do lado de léste pega com as trazeiras do palacio occidental da praça do Commercio.

Levanta-se este arsenal sobre uma parte do terreno outr'ora occupado pelos paços reaes da Ribeira, destruidos pelo terremoto de 1755, e sobre o proprio local do antigo arsenal da marinha, fundado por el-rei D. Manuel, de que fallámos a pag. 143.

Principiou a construcção do actual arsenal no anno de 1759, pelos riscos do architecto Eugenio dos Santos de Carvalho, auctor da planta da reedificação de Lisboa.

Contém vastissimos armazens, hoje quasi vasios, mas que ainda no começo d'este seculo, em que a nossa marinha se compunha de 12 naus e 12 fragatas, além de muitos outros vasos de menor porte, se achavam bem providos de todo o material necessario para uma marinha de guerra respeitavel.

Tem dois estaleiros muito bem construidos de cantaria, mas que demandam grandes obras para ficarem a par dos das nações mais adiantadas. Precisam de ser accrescentados para n'elles se poderem construir vasos de guerra de primeira ordem, com as dimensões que actualmente se lhes dão. Sobre tudo, faltam-lhes, e é falta essencial, as coberturas com que nos principaes estaleiros da Europa, quer sejam do estado, quer dos particulares, se resguardam dos rigores das estações os navios em construcção.

O dique é uma obra magnifica, mas acha-se nas mesmas circumstancias relativamente a dimensões. Quando se acabou recebia os navios de mais porte que então se fabricavam. No principio d'este seculo deu facil entrada e accommodou perfeitamente bem a nau *Princípe da Beira*, de 110 peças. Porém na actualidade não poderia receber uma fragata de guerra, movida a vapor, de primeira ordem, pelo que o governo projecta accrescental-o.

Deve-se a construcção d'este dique ao illustrado e benemerito ministro da marinha Martinho de Mello e Castro, reinando D. Maria I. Dirigiu as obras o nosso intelligente patricio, o tenente general Bartholomeu da Costa.

Durante muitos annos prestou este dique bons serviços á nossa armada. Sobrevindo, porém, a invasão franceza, que deu motivo á partida da familia real para o Brasil, com a maior e melhor parte da nossa esquadra, entrou o desleixo nas repartições da marinha, como em todas as mais do estado, e o dique foi-se entulhando pouco a pouco, até ficar completamente obstruido de lodo.

Tentou-se por vezes, e em diversas epochas, desobstruil-o, e chegou-se a alcançar este fim; mas era baldado todo este trabalho, porque não se conseguia fabricar portas com a sufficiente solidez para resistir ao peso e embate das aguas. Assim, pois, entulhando-se novamente, continuou por longos annos a ser inutil uma obra de tão urgente necessidade em um arsenal. Finalmente, ha uns vinte annos, sendo mi-

[1] Vid. pag. 48 do vol. VI.
[2] Vid. pag. 32 do vol. VI.

nistro da marinha o fallecido conselheiro Joaquim José Falcão, de novo se metteu hombros á empreza, e d'esta vez com mais feliz successo. Sob o plano e direcção do habil engenheiro hollandez Pieterson, foi o dique desentulhado, e fechado com portas de solida construcção, ficando desde então em serviço activo.

Junto do dique assentou-se posteriormente uma machina movida a vapor, para o mais prompto esgotamento das aguas; e da parte de fóra das portas collocou-se, e alli persiste quasi sempre a trabalhar, uma draga, tambem movida por vapor, para conservar desobstruida do lodo a entrada do mesmo dique.

As novas officinas estão construidas sob um plano regular, e apresentam um prospecto agradavel á vista. O desenvolvimento artistico dos operarios faz honra ao estabelecimento e ao paiz. A officina de serrar madeiras é um edificio muito moderno, vasto e elegante. O trabalho é feito por meio de uma machina movida por vapor.

Actualmente executam-se grandes obras n'este arsenal, sendo a mais importante, por sua grandeza e pela urgencia que d'ella havia, a nova ponte e cabrea. São ambas de ferro, e notaveis pelas suas proporções, estructura e solidez. Qualquer navio, por maior que seja a sua lotação, póde facilmente atracar á ponte, e n'ella descarregar, por meio da cabrea, os mais pesados volumes que possa conduzir; tirar ou receber mastros, artilheria, etc.; cuja conducção para o interior do arsenal é facilitada por carris de ferro. A fragata de guerra D. Fernando foi a embarcação que estreiou a ponte e cabrea, indo alli receber os mastros na primavera do corrente anno de 1865. Tem sido director d'estas obras o distincto engenheiro, o sr. João Evangelista de Abreu.

Além d'esta ponte, tem o arsenal um caes de cantaria chamado da *Inspecção*, porque no meio d'elle está a casa onde se acha a secretaria da inspecção.

Na parte mais oriental d'este arsenal, junto do rio, existe uma nascente de aguas thermaes, que alli appareceu ha uns trinta annos. Tratou-se logo de as aproveitar em beneficio do povo, dispondo-se no casco velho de um brigue um estabelecimento de banhos que, apesar de ser provisorio e destinado para as classes menos favorecidas da fortuna, envergonhava o arsenal e a cidade, e, por conseguinte, o governo e o paiz, pelo seu aspecto miseravel. O tempo, com a concurrencia dos enfermos, acreditou as aguas, mas os melhoramentos feitos nos banhos no decurso de mais de um quarto de seculo ainda não nos livram d'aquella vergonha!

Ha pouco mais de dez annos edificou a Santa Casa da Misericordia de Lisboa, detraz da egreja parochial de S. Paulo, um bello edificio para banhos publicos, mas com o fim especial de encaminhar para elle as aguas do arsenal. Porém, depois de se achar concluido o edificio e feita a canalisação das ditas aguas, conheceu-se que não era exequivel a conducção d'estas por seu proprio impulso! Assim ficaram inuteis a despeza e o edificio, por não se procurar vencer aquella difficuldade, ou, pelo menos, por não se aproveitar o edificio para outras diversidades de banhos, de que a cidade tanto carece.

No pavimento nobre do grande edificio do arsenal estão a secretaria e mais repartições do arsenal da marinha, e tambem ahi se accommoda o tribunal da relação. Encerra uma bibliotheca e um pequeno museu [1], e entre muitas e extensas salas, que servem de arrecadação e para outros misteres, a vasta *sala do risco*, cujo comprimento é de 81 metros e tantos centimetros. É guarnecida de janellas por ambos os lados, éste e oéste, em todo o seu comprimento, e no lado que olha para o sul tem portas de vidraças para um terrado, onde está o telegrapho central maritimo. Accommodam-se n'esta sala as escholas naval e de construcção; tendo na extremidade do lado do norte, por onde se communica com os outros corpos do edificio, uma corveta para exercicio dos alumnos, a qual occupa o fundo da sala em quasi toda a sua largura e altura.

Vêem-se tambem n'esta sala alguns modêlos de embarcações de guerra construidas no mesmo arsenal; uma estatua em madeira, del-rei D. João VI; e um grande quadro, pintura a oleo, representando uma balêa, cópia de uma que entrou no Tejo, e deu á costa na praia de Cacilhas, no dia 11 de janeiro de 1783.

Tem-se celebrado n'esta sala várias funcções esplendidas, em differentes epochas. As principaes que nos occorrem á memoria são as seguintes: Em 1821 deu-se alli um sumptuoso banquete, offerecido pelo corpo commercial de Lisboa, aos ministros, deputados e officialidade dos corpos da guarnição da cidade, para commemorar a proclamação da liberdade em 1820. Em 1842 houve alli outro lauto jantar de quatrocentos talheres, dado pela officialidade dos corpos da guarnição da capital para solemnisar a restauração da carta constitucional. E em 1849 effeituou-se n'esta sala uma grande exposição de objectos de arte, antigos e modernos; e uma loteria com mais de mil premios, em beneficio das casas de asylo da infancia desvalida. Em todas estas solemnidades achava-se a sala vistosamente adornada, apresentando uma linda perspectiva a quem a contemplava da galeria que corre em volta d'ella, a uns dois terços, pouco mais ou menos, da altura das paredes.

Conserva-se n'este arsenal uma reliquia dos antigos paços da Ribeira. É um grande portal de cantaria que se vê na extremidade oriental do edificio, onde chamam *as galés*, e que fica fronteiro aos banhos de que acima fallámos. Este portal pertencia ás obras emprehendidas nos ditos paços por el-rei D. João V.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

1 Tratámos de ambos nos capitulos do nosso roteiro consagrados a bibliothecas e museus.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

73.º

PERGUNTA

Vejo por ahi escripto nos nossos livros de sciencia *ethers*, como plural de *ether*, quando me parece que se devia seguir a formação que a grammatica da nossa lingua estabelece para os nomes acabados em *er*.

Ora os livros de que fallo são pela maior parte traduzidos servilmente do francez; por isso não me admira que tragam d'estes peccados de origem; mas o que me faz hesitar é ver isto auctorisado na ultima edição do diccionario de Faria, reformado pelo sr. Lacerda.

Para meu governo, quero ter auctoridade contra auctoridade, e saber a que palmatoria devo dar a mão. Escolho a de v. (a auctoridade e não a palmatoria, bem entendido), etc. — *C. de M.*

RESPOSTA

A unica auctoridade para este caso é a grammatica portugueza, que dá como regra da formação das palavras acabadas em *r* ou *z* o accrescentamento das letras *es*.

Escrever *ethers* em vez de *etheres* não é só gallicismo, é um barbarismo; porque, embora seja vocabulo grego, logo que o naturalisámos, havemos de lhe pôr o laço nacional.

Isto milita para todos os termos estrangeiros que adoptarmos, exceptuando os nomes proprios, cujo plural se formará pelo modo que n'outro artigo indicámos.

SILVA TULLIO.